

Democracia ou conservadorismo. De que lado você está?

Domingo, 28 de outubro de 2018, segundo turno das eleições presidenciais. É chegada a hora de decidir o que queremos para o Brasil. Apenas duas candidaturas estão em jogo, e, diga-se de passagem, com propostas completamente antagônicas. De um lado, um projeto que defende a democracia e a igualdade social, tem o Estado como interventor e valoriza o serviço público. Na outra ponta, um candidato de extrema direita, que representa o avanço do ultraconservadorismo e fez toda sua campanha com base na apologia à violência. Mas o que cada um desses projetos representa para o serviço público e para o servidor?

O candidato conservador não esconde seu desprezo pelo serviço público, a quem chamou de “fábrica de marajás,” e ainda acusa o funcionalismo de ser o grande problema da Previdência. Ele votou à favor e defende a Emenda Constitucional (EC) 95, que congela investimentos por 20 anos no setor público; promete mexer em empresas como Conab, a Valec e EPL, por considerá-las empresas de “gasto altíssimo e retorno não vantajoso”; mostrou-se disposto a fundir os ministérios

Agricultura e Meio Ambiente, além de ter declarado que o Ibama não serve para nada. Seu economista, Paulo Guedes, disse que vai “privatizar tudo” e seu vice, Hamilton Mourão, defende demissão de servidores. Além disso, vai extinguir vários ministérios, entre eles o de Cidades, Cultura e, até, Educação, e não descarta cobrar mensalidade nas universidades públicas. Disse ainda que o Ministério do Trabalho obstrui a economia e pretende criar o Ministério da Economia com Indústria e Comércio. Propostas que vão de encontro à valorização do serviço público e favorece o mercado financeiro e o empresariado.

O outro candidato, em carta à Condsef/Fenadsef, se comprometeu em revogar a EC 95 e implantar uma política de recursos humanos no serviço público que valorize o funcionalismo. Além disso, ele é contra a privatização, a reforma trabalhista, a terceirização irrestrita e a reforma da Previdência de Temer. Diante disso, é preciso refletir para escolher o lado que você está. Se é do lado do conservadorismo ou da democracia. O voto é a única arma que defendemos, uma arma que pode salvar a democracia.